

## TUDO É AUTISMO?

Ex-professora do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília (UnB), a psicóloga Maria Izabel Tafuri acredita que os números mais recentes sobre autismo têm relação com a evolução de conhecimento na área e de diagnósticos mais precisos, mas também guardam algumas particularidades. “É preciso tomar cuidado porque as crianças diagnosticadas agora são, em grande parte, os chamados filhos da pandemia, nascidos no cenário da covid-19. O teórico atraso pode ter relação com o isolamento e ausência de trocas sociais do período”, explica.

Assim, no ponto de vista de Maria Izabel, um diagnóstico evolutivo apresenta grande vantagem se comparado a uma confirmação sintomatológica, que se baseia apenas nos sinais que a criança apresenta. Em vez desse último, a psicóloga defende um trabalho comportamental de dois a três meses para acompanhar se há evolução do paciente. Depois de algumas sessões, a criança logo consegue compartilhar brincadeiras e usar os brinquedos de forma convencional? Pode ser que se encaixe na categoria mencionada acima: a da que teve um atraso imposto pela covid.

“Em consultório, observamos muitos casos do tipo, em que os pais ficaram com medo e angustiados, não conseguiram brincar como gostariam com o bebê e o pequeno não interagiu com os primos nem outros colegas. A criança, por sua vez, encontrou uma mãe preocupada em demasia com outros assuntos. Tudo isso acaba influenciando o desenvolvimento”, pondera. Notando algum atraso, o que costuma ser percebido perto dos dois anos, é importante iniciar a psicoterapia mesmo que não esteja definido se é autismo. Fazendo assim, é mais provável que os primeiros sinais regredam.

## Inclusão social

A educação é ferramenta central nos cuidados de Murilo Martins Teixeira, de 11 anos, filho único do casal Viviane Martins, 43, e Gabriel Estevam Martins Teixeira, 41. Ela é contadora e ele, administrador. Diagnosticado no espectro autista com 1 ano e 3 meses, Murilo logo entrou para um programa de estímulo precoce oferecido pelo Governo do Distrito Federal (GDF) e foi para a creche. Conseguiu dar sequência ao fluxo escolar desde então. Fez o jardim de infância e, atualmente, frequenta uma turma para pessoas com deficiência.

Faz quatro anos que Murilo tem aulas no ensino especial da Escola Classe da 405 da Asa Norte, instituição referência na inclusão autista. No colégio, consegue se distrair, convive com outros colegas e é estimulado cognitivamente — está praticamente alfabetizado. A escola também alivia a carga de tarefas dos pais, já que Murilo demanda atenção em atividades corriqueiras, como escovar os dentes.

Terapias externas, com fonoaudióloga e psicóloga, os pais tiram do próprio bolso, com plano de saúde. Ainda assim, reconhecem que tiveram uma oportunidade que nem todas as famílias têm. Murilo teve o diagnóstico precoce e, no dia a dia, é muito bem assistido pelas pedagogas e educadoras da escolinha. “Ele teve muita sorte com os professores e profissionais da área. Foi algo que o ajudou demais a desenvolver”, acreditam Viviane e Gabriel.

A principal limitação de Murilo é a fala, ele pronuncia poucas palavras. O período de pandemia foi um desafio a mais. Como passava muito tempo em casa, o menino tinha crises de ansiedade e tremores e passou a tomar algumas medicações desde então. “Uma certa regressão com mudança de comportamento”, avaliam os pais.

Arquivo pessoal



**Murilo Martins Teixeira é filho único de Viviane Martins e Gabriel Estevam Martins Teixeira: rede familiar para conviver com o autismo**

As oscilações de humor acontecem de forma espontânea, sem um motivo de frustração certo.

O futuro guarda algumas inseguranças. Viviane e Gabriel se preocupam se o filho terá as mesmas oportunidades quando for mais velho. A escola onde estuda aceita crianças com deficiência de até 15 anos. Por enquanto, a família está contente com os resultados de Murilo. Entre as coisas que gosta — teclado de música, paisagens, mapas e natação —, ir para a escola é uma delas. A criança é interessada e tem muito potencial para aprender cada vez mais.

Marluce Ferreira é uma das educadoras responsáveis pelo ensino especial na 405 Norte. A instituição frequentada por Murilo tem, hoje, 22 alunos autistas, sendo 16 em classes especiais e seis nas classes regu-

lares, que convivem com alunos neurotípicos.

Nas classes especiais, cada professora acompanha dois alunos. E o currículo é diferente da turma convencional. A rotina escolar dos alunos com TEA inclui idas à horta comunitária e caminhadas pelas proximidades da escola. “O passeio externo visa estimular a autonomia dos alunos e incrementar o aprendizado. Até porque, teoricamente, a classe especial seria de caráter transitório. A ideia é ir inserindo as crianças nas aulas com neurotípicos”, explica Marluce.

Sempre assistidos pelas professoras, eles passam pelas comerciais da Asa Norte, observam o movimento e as vitrines, atravessam a rua e são estimulados a fazer pequenas compras no mercado ou na padaria.